



O CURRÍCULO MULTICULTURALISTA COMO PRESSUPOSTO PARA A EFETIVA CONSOLIDAÇÃO DA EDUCAÇÃO DO CAMPO

Autor (a) Tércio Ramon Almeida Silva

E.E.E.F.M. Jornalista José Leal Ramos/PIBID/DIVERSIDADE

Email: terciofilosofo@hotmail.com

RESUMO

Esse trabalho tem como objetivo refletir sobre a necessidade social e política de uma educação que seja pensada para a cultura do homem do campo, percebendo a existência do outro como singularidade, como outros modos de ver e viver. A Educação do Campo nesse trabalho aparece como proposta educacional que valoriza e reconhece a identidade do homem camponês. Essa valorização só será possibilitada através da inserção da proposta da Educação do Campo como assunto de política pública fruto do diálogo entre sociedade civil organizada, movimentos sociais e estado governamental, assim como a implementação de um Currículo Multiculturalista que atenda os anseios e as necessidades do homem do campo, reconhecendo-o em sua particularidade. Para esta análise, recorreremos a realização de uma vasta revisão de literatura sobre o papel da educação na formação do sujeito social do Campo. No decorrer de nossa análise podemos perceber que o Currículo escolar é bastante descontextualizado não levando em consideração a realidade do sujeito camponês. As leituras e análises realizadas nos permitiram concluir que o Currículo Multiculturalista se afigura como pressuposto fundamental para a efetivação da proposta de Educação do Campo.

Palavras Chave: Educação do Campo, Currículo, Multiculturalismo.



INTRODUÇÃO

Pode-se dizer que a discussão em torno do currículo nos coloca na difícil tarefa de defini-lo ou conceitua-lo, por ser um conceito que apresenta uma variedade de definições, colocando-nos assim, em uma confusão de natureza semântica e epistemológica.

Durante muito tempo o currículo do nosso país ficou atrelado a bases e fundamentações europeias e americanas. Só com a redemocratização, começou a assumir uma postura mais emancipadora e libertária baseadas na teoria marxista. A partir desse momento, começa a ganhar força a ideia de que o currículo só pode ser compreendido política, social e culturalmente.

Assim, entende-se que os estudos em torno do currículo no nosso país são recentes, pois só a partir de 1960 com as teorias críticas que começam a questionar o papel do currículo na sociedade, é que a discussão sobre o currículo passa a ganhar chão nos espaços acadêmicos brasileiros.

Na década de 1960 surgem as teorias críticas que questionam o *status quo* visto como responsável pelas injustiças sociais e procura construir uma análise que permita conhecer não como se faz o currículo, mas compreender o que o currículo (Silva, 2002)

Tal fato justifica e ao mesmo tempo nos coloca em frente a constatação de que a maioria dos educadores de nosso país não tem claro em suas mentes uma definição de currículo, muitos inclusive, associando currículo ao conjunto de conteúdos disponibilizados pelos livros didáticos. Percebe-se que todos reconhecem a importância do currículo para a educação, porém, poucos sabem o que ele seja.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Em linhas gerais, o currículo pode ser entendido como o conjunto de saberes, atividades e práticas que orienta o processo de ensino-aprendizagem através da escola. De acordo com Moreira (2007)



II CONEDU
CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

Estamos entendendo currículo como as experiências escolares que se desdobram em torno do conhecimento, em meio a relações sociais, e que contribuem para a construção das identidades de nossos/as estudantes. Currículo associa-se, assim, ao conjunto de esforços pedagógicos desenvolvidos, com intenções educativas, nas instituições escolares. (Moreira, 2007, p. 21)

Já o autor Viegas Neto (2008), nos oferece uma reflexão importante ao definir currículo como

Entendemos o currículo como a porção da cultura – em termos de conteúdos e práticas (de ensino e aprendizagem, de avaliação etc.) – que, por ser considerada relevante num dado momento histórico, é trazida para a escola, isto é, é escolarizada. (Williams, 1994, apud, Viegas, 2002, p. 44)

Assim, com a ajuda dos autores acima citado, percebemos que o currículo é um dos principais instrumentos da educação se afigurando como conjunto de conhecimentos e saberes que serão ensinados na escola sendo aquele responsável por reger e determinar os rumos dos processos educacionais.

Segundo a LDB(1996), documento que rege e determina os princípios e fundamentos da educação brasileira, o currículo se apresenta como um dos elementos responsáveis pela organização da Educação “ pois no artigo que trata da Organização da Educação Nacional está escrito

estabelecer, em colaboração com os estados, o Distrito Federal e os municípios, competências e diretrizes para a educação infantil, o ensino fundamental e o ensino médio, que nortearão os currículos e seus conteúdos mínimos, de modo a assegurar formação básica comum(LDB, 1996)



Nesse caso, É visto por muitos como a escolha de determinados saberes em detrimento de outros, aquilo que identifica a escola definindo também a sua finalidade, pois é através dele que as coisas são determinadas na escola. Segundo Moreira “É por intermédio do currículo que as “coisas” acontecem na escola, se estabelecendo enquanto guia ao processo educacional. No currículo se sistematizam nossos esforços pedagógicos. O currículo é, em outras palavras, o coração da escola.(P.23).

Portanto, ao ser definido por Moreira (2007) como sendo o coração da escola , aquilo que lhe atribui sentido e significado, o currículo é identificado como um importante artefato educacional, pois é ele quem define que tipo de escola, que tipo de alunos e principalmente, que tipo de sociedade que queremos formar.

Porém, nos deparamos agora com alguns questionamentos referente a definição de currículo acima citada. Se é ele quem define e orienta o processo educacional, qual seria a finalidade da escola? Que tipo de cidadão se quer formar? Qual sociedade que se quer construir através desse currículo? A resposta a esses questionamentos perpassa pela reflexão de outro questionamento, que talvez seja ele, a principal tensão em relação a discussão sobre currículo. Quem elabora o currículo? Quem o prepara e organiza tendo em vista os questionamentos aqui elencados.

No caso da Educação do Campo também pudemos nos questionar, quem faz e quem elabora o currículo para a escola do campo? Alguma vez na história já foi pensado em um currículo que enxergue ao homem do campo? Alguma vez já foi concebido de acordo com a realidade do campo? Tais questionamentos serão discutidos a partir de agora.

As teorias que discutem e refletem sobre o currículo, o concebem como a justificação da escolha de diferentes saberes e conteúdos em detrimento de outros, sendo necessário uma reflexão na tentativa de identificar quem são os sujeitos ou classes que determinam o currículo, isto é, saber a quem ele está servindo, nas palavras de Silva “O currículo representa, de forma hegemônica, as estruturas econômicas e sociais mais amplas. Assim, o currículo não é neutro, desinteressado”.(Silva, 2007,p. 02).



Assim, chega-se a constatação de que não existe currículo neutro, pois ele representa a ideologia de alguma classe, pois é através dele que se constrói que tipo de sujeito e de sociedade se está querendo formar se afigurando como um aparelho a favor de alguma classe dominante.

Essa ideia de um currículo neutro acabou que, por muito tempo dificultando as análises, discussões e reflexões acerca do currículo. Antes não havia discussão acerca do currículo, pois as discussões estavam pautadas apenas acerca da organização de conteúdos e saberes, visto que existia um certo consenso sobre quais os conteúdos que deveriam constar no currículo.

Hoje, porém, já há uma problematização sobre a escolha desses conteúdos. Começou a discutir quais os conteúdos que devem constar nos currículos escolares, na tentativa de identificar as relações de poder e de dominação promovidas através do currículo.

Saber então para quem o currículo estava atuando não parece ser uma tarefa tão difícil. Em uma sociedade baseada na dicotomia entre opressores e oprimidos, dominantes e dominados, percebemos que no decorrer da história o currículo sempre esteve a favor das classes hegemônicas, trabalhando sempre na preservação e manutenção dessas hegemônias.

Assim, o machismo, a heterossexualidade, a cultura branca de origem europeia e a sociedade urbanizada foram contemplados e representados no currículo em detrimento da mulher, dos homossexuais, da cultura negra de origem afro-brasileira e a sociedade camponesa. Sendo esses os excluídos da história e o currículo como elemento mantenedor dessa exclusão.

Porém, esse quadro começa a se modificar quando essas minorias começam a cobrar os seus direitos através de sucessivas lutas, e suas conquistas pautadas na necessidade de um currículo que não atue em favor de uma determinada classe, mas que vivencie as particularidades de cada grupo e sua importância, não se configurando como universalista, centralizador e hegemônico promotor de desigualdades, mas um currículo democrático que contemple as diferenças, enfim, um currículo multiculturalista.



É também inegável a pluralidade cultural do mundo em que vivemos, que se manifesta, de forma impetuosa, em todos os espaços sociais, inclusive nas escolas e nas salas de aula. Essa pluralidade, frequentemente acarreta confrontos e conflitos, tornando cada vez mais agudos os desafios a serem enfrentados pelos profissionais da educação. (p.21)

Portanto, a discussão agora está pautada na escolha dos conteúdos e saberes, assim como métodos de ensino e formas de aprendizagem incluir em um currículo que incluído em uma sociedade Pós-Moderna baseada na diversidade, isto é, como pensar em um currículo que venha atender a todos, como elaborar um currículo multicultural.

A ideia de um currículo multicultural só faz sentido se se discute outro conceito que se afigura como a base fundamental do multiculturalismo: a contextualização. Não se pode falar em currículo multicultural sem estar inserido no seu contexto, pois é preciso partir dele para que se possa realmente construir um currículo que venha atender as necessidades de todos, sendo preciso partir do contexto de cada grupo social que faz parte do ambiente escolar.

É preciso então conceber o currículo como elemento pedagógico situado no espaço e tempo escolar e que apresenta conteúdos, métodos e aprendizagens próprias dos sujeitos que irão se formar. Deve ser visto como campo pedagógico que reflita as relações de todos os envolvidos no processo escolar, tendo como lócus a realidade do educador e do educando. Local esse onde são produzidas as aprendizagens.

Pode-se afirmar que as discussões em torno do currículo devem contemplar discussões sobre os conhecimentos escolares, sobre os procedimentos e as relações sociais que conformam o cenário em que os conhecimentos se ensinam e se aprendem, sobre as transformações que desejamos que aconteçam com nossos alunos e alunas, sobre os valores que desejamos discutir com eles e elas e sobre as identidades que pretendemos construir.

Deve ser elaborado então de acordo com as condições subjetivas e objetivas dos envolvidos, tendo em vista as necessidades históricas e temporais, assim como as realidades



políticas, sociais, culturais, e econômicas. A contextualização deixa de ser um adjetivo e passa a ser um substantivo do currículo.

Um dos grandes inimigos da proposta de uma Educação do Campo foi justamente a descontextualização dos currículos escolares. Essa descontextualização acabou promovendo a exclusão de saberes e conhecimentos, levando conseqüentemente a exclusão de milhares de pessoas aos processos de ensino. O currículo descontextualizado parte da premissa da concepção do conhecimento escolar como algo pronto e acabado, e por isso, impossíveis de serem questionados.

Ao criar uma certa hierarquia entre os saberes, onde um era visto como mais importante e necessário que outros, o currículo descontextualizado acabou silenciando as vozes de muitos indivíduos e grupos sociais, pois seus saberes e conhecimentos eram vistos como inferiores e desnecessários para o conhecimento escolar, impedindo de serem ensinados e aprendidos. Tal hierarquia reforça as relações de poder, contribuindo para a naturalização das diferenças e desigualdades.

Em relação a Educação do Campo, o currículo deve contemplar os saberes e saberes desses povos, promovendo a inclusão de questões locais e regionais que historicamente, foram escanteadas em detrimento de um saber universal e objetivo, totalmente descontextualizado, implantado pela elite burguesa.

É importante ter cuidado com os saberes que são colocados para o homem do campo. Neste sentido, é preciso perguntar: qual a utilidade desses saberes para suas vidas? É necessário desconstruir a ideia que o homem do campo precisa de alguns saberes básicos com ler e escrever para sobreviver ou para adaptar-se às novas tecnologias.(Antunes, 2011,p.189)

Surge então uma proposta que defende uma pedagogia de convivência com o mundo rural, criando possibilidades de relacionamentos destes com o mundo em que vive, adotando



então uma nova postura, uma nova identidade. Se assumindo como sujeito da história e o seu lugar como reflexo dessa história.

Contextualizar é fazer rupturas, desnaturalizar, afim que se possa dar ouvidos e vozes aqueles que historicamente foram negadas, fazendo que a educação faça sentido as pessoas na realidade onde elas estão, tendo a contextualização como ponto de partida dos saberes e significados de sua existência, pois as pessoas se constroem e constroem os seus saberes a partir de seu contexto.

O currículo passa a ser visto como principal veículo reprodutor e interlocutor dos saberes locais, sendo também responsável por interligar estes com os saberes globais. É importante se ter em mente que não se trata de homogeneizar ou impor determinada tipo de cultura e saberes, mas que todos sejam contemplados através do currículo.

A educação do campo deve se desenvolver a partir da realidade onde ela ocorre aliando a formação escolar, as necessidades vitais dos sujeitos envolvidos, buscando respostas e soluções para as principais tensões dos próprios sujeitos e seus modos de vida.

O currículo então deve nos orientar no processo de construção e valorização de nossas identidades, promovendo momentos e ocasiões que possibilite essa tomada de consciência do reconhecimento da identidade cultural, processo esse guiado pela visão plural das identidades a serem identificadas e reconhecidas.

O autor Antunes (2001), citando Miguel Arroyo 2006 nos presenteia com essa reflexão acerca do currículo da Educação do Campo:

È preciso que as questões curriculares incorporem saberes do campo, que prepare o homem para a produção e o trabalho, para a emancipação, para a justiça, para a realização plena como ser humano. Neste sentido, não pode separar o tempo da cultura e tempo do conhecimento. Sendo assim, é preciso que a escola do campo crie sua própria identidade, que quando olharmos para a proposta pedagógica possa ver o homem do campo identificado nela, para isso, é



importante que a escola esteja mais aproximada da realidade na qual está inserida e mais preparada para dela participar efetivamente.(Antunes, 2007, apud Arroyo, 2006)

No caso da proposta de uma Educação do Campo, é necessário um currículo que valorize e reconheça a identidade do homem do campo, que esteja ancorado na cultura e na realidade desse homem, de modo que o currículo e consequentemente a escola, identifique o homem do campo.

METODOLOGIA

Para esta análise, recorreremos a realização de uma vasta revisão de literatura sobre o papel da educação na formação do sujeito social e como a proposta de uma Educação do Campo se apresenta enquanto política pública fruto do diálogo entre sociedade civil organizada, movimentos sociais e estado governamental.

Foi tentado através desse procedimento metodológico, fazer um levantamento dos principais autores que trabalham a questão da Educação do Campo, assim como a análise de artigos científicos e documentos oficiais que propõe uma espécie de um redesenho curricular, baseado no Multiculturalismo, tendo em vista a inserção da proposta da Educação do Campo como assunto de política educacional

No decorrer de nossa análise, podemos perceber que historicamente as políticas educacionais em nosso país, produziram mais diferenças que o reconhecimento da diferença, na composição de seu povo e leitura de seu território. A Educação brasileira historicamente foi pensada para o homem que reside na cidade e para atender uma demanda urbana, marginalizando o indivíduo e os modos de vida do e no campo.

RESULTADOS E DISCUSSÕES



As leituras e análises realizadas nos permitiram concluir que a proposta de Educação do Campo, só pode ser realizada através da elaboração de um currículo multiculturalista, que perceba a diversidade que constitui a sociedade brasileira, um currículo contextualizado que observe os aspectos sociais, econômicos, culturais, políticos de todos os grupos que a compõe.

CONCLUSÃO

Na condição de supervisor do PIBID Diversidade, do Curso de Licenciatura em Educação do Campo da Universidade Federal de Campina Grande, pode-se observar através dos encontros com professores e alunos graduandos do referido curso, que o currículo escolar ainda é bastante descontextualizado, pois não reconhece as particularidades dos sujeitos do campo, renegando a diversidade que constitui o ambiente escolar.

Assim, é só a partir desse reconhecimento da diversidade e suas formas de representação é que poderemos falar de uma educação formadora de cidadania, percebendo o todo e sua composição, na perspectiva de uma sociedade mais justa e igualitária.

REFERÊNCIAS

ANTÔNIO, Celso A; Movimentos sociais, educação do campo e política educacional: adversidades para a qualidade educacional. **Tempo da Ciência** (12) 23 : 25-47, 1º semestre 2005

CALDART, Roseli Salete; A Escola do Campo em Movimento. ***Currículo sem Fronteiras***, v.3, n.1, pp.60-81, Jan/Jun 2003.

MENEZES, Ana Célia Silva; ARAÚJO Lucineide Martins; Currículo, contextualização e complexidade: espaço de interlocução de diferentes saberes. In: **ENSINO SUPERIOR E DOCÊNCIA NO CONTEXTO DO SEMIÁRIDO**.

MOREIRA, Antônio Flávio; Arroyo Miguel Gonzales; BRASIL. Ministério da Educação. ***Indagações sobre Currículo (versão preliminar)***. Brasília: MEC/Secretaria de Educação Básica, nov. de 2006.



NETO, Alfredo Veiga; Currículo e cotidiano escolar: novos desafios. **In:** *Simpósio Diálogo sobre Diálogos*, UFF, p. 1-11, Rio de Janeiro, 2008.